

## IMPrensa E PODER: UMA ANÁLISE GEOPOLÍTICA DO FILME *UMA GARRAFA NO MAR DE GAZA*

Grazielle Rodrigues de Oliveira – [graziellecomz@gmail.com](mailto:graziellecomz@gmail.com)

Mestranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal Latino-Americana (UNILA).

**Resumo:** Este artigo analisa as relações de poder entre a geopolítica e a imprensa ocidental dentro do cenário de guerra entre Israel e a Palestina em comparatismo fílmico. O trabalho procura explicitar sobre o jogo geopolítico que sofre a interferência da mídia nos ambientes de conflito. Como objeto de estudo foi utilizado o filme *Uma garrafa no mar de Gaza*, o cinema como resistência na desconstrução do etnocentrismo entre os Estados e seus reflexos dentro da geopolítica mundial. A imprensa como sendo um agente de poder nas relações sociais e a sua atuação na formação do consenso público, nas crenças e valores de um povo e as suas interferências dentro da conjuntura política. Outros fatores como o “choque das civilizações” de Huntington também são abordados no artigo, na tentativa de esmiuçar aspectos inerentes à geopolítica para além do poder das relações internacionais dos países potências ou ainda das estratégias políticas entre os Estados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cinema; imprensa e poder; Israel x Palestina; geopolítica.

### 1 INTRODUÇÃO

A percepção de hegemonia criada por Gramsci (1978) faz pensar as relações sociais no âmbito de poder. Além dos poderes do Estado denota-se o poder do discurso midiático na formação do consenso público, na política e na estrutura da sociedade, por isso o presente trabalho busca contribuir para os estudos sobre o cinema de resistência em o filme *Uma garrafa no mar de Gaza* na desconstrução da imagem pejorativa dada ao Estado da Palestina e a ação da mídia como outra forma de poder e suas extensões no cenário geopolítico.

Com base em Gramsci (1978), os meios de comunicação de massa são agentes de influência ideológica, deste modo a fronteira da ideologia entre dois Estados (Palestina e Israel) se concretiza no plano do território, discriminando a classe dominante e a classe dominada. Para Gramsci (1978), as instituições como os meios de comunicação de massa, exercem o poder de hegemonia cultural e as influências ideológicas de um grupo ultrapassam as questões econômicas, revela-se uma força de poder no plano das mentalidades convertidos em aspectos culturais.

Como objeto de estudo é utilizado o filme *Uma Garrafa do Mar de Gaza*, a escolha se deve ao seu conteúdo contra-hegemônico, a narrativa se revela com algumas quebras destes conceitos hegemônicos em que colocam Israel como dominante e Palestina como dominada, os preconceitos de um grupo em relação ao outro, políticas e costumes retratados no filme são formas de desvendar

a rotina do povo palestino, desvela o que o público não está acostumado a assistir nos filmes “hollywoodianos”.

Na repercussão midiática o telespectador pode ficar entre vilanizar ou vitimizar o povo palestino. Na teoria crítica da Escola de Frankfurt, Adorno e Horkheimer (1997), em que trata o poder dos meios de comunicação sobre a massa, relaciona-se com o resultado na formação dos atores geopolíticos (os países que são potências mundiais) dentro da economia e a influência política exercida da mídia sobre o povo, que também é refletida no contexto geopolítico. Um dos fundamentos dos estudos da teoria crítica põe em destaque a ordem econômica vigente e as relações de poder da mídia sobre o poder do Estado. A imagem de um Estado depende de como o mundo o vê, das relações comerciais, acordos de paz e definições de fronteiras, portanto, as disputas territoriais e as divergências culturais que resultam em conflitos é resultado do discurso hegemônico.

Neste contexto o poder geopolítico vai além das forças armadas, o poder passa a influenciar na economia e na convivência social. Para a autora Steinberger (2005) existe um tratamento simbólico da geopolítica na mídia, construções por meio de discursos fundamentam as relações de poder entre os Estados, as narrativas de um Estado hegemônico podem ser legitimadas com instrumentos de poder para firmar posições políticas, ideológicas e culturais. No reforço desta mesma ideia Camargo (2008) esclarece que a mídia atua na promoção de conflitos ou de paz, notícias insistentes que deturpam a cultura ou religião de um povo como no caso do islã e a associação a homens-bombas promovem a visão deturpada e criam estereótipos de um povo que o mundo desconhece.

O trabalho de Guedes, Dias e Sousa (2011), traz um apanhado de generalizações promovidas pela mídia na construção de uma imagem deturpada do Oriente Médio. Neste contexto, o jogo geopolítico entra na situação em que tanto o Estado pode usar a mídia para propagar sua hegemonia, como a mídia pode usar o cenário político para aumentar os conflitos, quando como quase num espetáculo cinematográfico, o atentado é televisionado nos jornais, causando ainda mais pânico e revolta. A generalização divide os Estados entre os bons e os maus.

## **2 IMPRENSA E PODER NA FABRICAÇÃO DO CONSENSO PÚBLICO**

As fronteiras estão por toda parte e as divergências de um povo e outro ultrapassam as questões socioeconômicas para os conflitos de geografia espacial, para Fernandes (2005), o espaço geográfico é composto por vários grupos que formam os espaços sociais e mesmo com todos os

componentes da natureza, a vegetação, a dimensão territorial pertencente a um e outro grupo, as relações sociais é que vão construir os espaços, que poderão ser conflituosas ou pacíficas.

Para Adorno e Horkheimer (1997), estas relações sociais são conflituosas porque a sociedade foi remontada pela lógica da separação conforme os interesses em comum, os meios de comunicação de massa separam a civilização para além do espectro cultural, quando a coletividade perde espaço para as atividades ligadas à televisão ou ainda nos aspectos de segmentar a sociedade em classes econômicas e/ou grupos com costumes semelhantes, os autores exemplificam este processo da seguinte forma:

As pessoas viajam sobre pneus de borracha, rigorosamente isoladas umas das outras. Em compensação, só se conversa num carro o que se discute em outro; a conversa da família isolada está regulada pelos interesses práticos. Assim como toda família com uma renda determinada gasta a mesma percentagem com alojamento, cinema, cigarros, exactamente como a estatística prescreve, assim também os temas são esquematizados segundo as classes de automóveis. Quando se encontram, aos domingos ou viajando, em hotéis onde as acomodações e os cardápios são idênticos em cada faixa de preços, os hóspedes descobrem que se tornaram, com o isolamento, cada vez mais semelhantes. A comunicação cuida da assimilação dos homens isolando-os. (ADORNO; HORKHEIMER, 1997, p. 105).

Nesta medida a imprensa vincula suas ideologias com os aspectos sociais e culturais ao qual está inserida, além das questões econômicas e políticas que são utilizadas dentro do discurso jornalístico para legitimação do poder, conforme Gramsci (1978), as instituições tem o poder de dominação sobre as massas, o modo de pensar da sociedade é organizado pelas instituições que podem ser igrejas, universidades e os meios de comunicação de massa. De modo que se o plano das mentalidades de um povo é moldado conforme os discursos propagados, é comum que as relações internacionais dos Estados sejam persuadidas com base na mesma teoria, para exemplificar este processo de convencimento dado pela mídia proposto por Gramsci (1978), analisamos os conflitos entre Israel e Palestina e as diferenças de tratamento pela mídia, por meio desta notícia:

No último semestre, ataques palestinos mataram 31 israelenses e dois cidadãos norte-americanos que visitavam Israel. Forças israelenses mataram a tiros pelo menos 196 palestinos, 134 dos quais Israel diz que eram agressores. Outros foram mortos em confrontos e protestos. (UOL, 2016)

No texto destacado percebe-se que os 31 israelenses e dois norte-americanos tiveram mais ênfase do que os 196 palestinos, justifica-se ainda que as “forças israelenses mataram”, como forma de reforço no discurso de força nacional, de “segurança”, “outros mortos em confrontos e protestos”, ou seja, as palavras confrontos e protestos “justificam” as mortes de 62 palestinos, os

porquês dos confrontos e protestos não são abordados nas notícias, deste modo a informação possui lacunas para interpretações, o que induz o leitor a relacionar o povo palestino com a violência, pois não há distinção entre civis inocentes e civis culpados, colocando a nacionalidade palestina no campo da desconfiança.

Segundo Guedes, Dias e Souza (2011), o povo palestino é frequentemente alvo do noticiário ocidental, sabe-se dos conflitos, mas não da sua origem, a intensa luta da Palestina por reconhecimento de um Estado é pouco abordado, mas é interessante analisar que as diferenças culturais e políticas são transferidas para o espaço geográfico. Ainda neste contexto o não reconhecimento da ONU (Organizações das Nações Unidas) como Estado Palestino coloca em cheque as questões de parcialidade da geopolítica mundial.

### **3 RECORTES DO FILME *UMA GARRAFA NO MAR DE GAZA* SOB A ÓTICA DO CHOQUE ENTRE CIVILIZAÇÕES**

A análise comparativa no filme *Uma garrafa no mar da Gaza* remonta os conflitos pelo viés do distanciamento como arma para o choque entre as duas civilizações (Israel e Palestina). Conforme Huntington (1997), os novos motivos de conflitos entram numa esfera cultural, que já advém com o término da guerra fria, países ocidentais contra orientais, os novos conflitos na sociedade passam do campo de disputa territorial para conflitos culturais, o autor diz que:

As grandes divisões existentes na humanidade e a fonte dominante de conflito serão culturais. Os Estados-nações continuarão a ser os atores mais poderosos nas questões mundiais, mas os principais conflitos da política global ocorrerão entre nações e grupos de diferentes civilizações. O choque de civilizações dominará a política global. As guerras civilizacionais serão as batalhas do futuro. (HUNTINGTON, 1997, p.1)

Tomando como base esta citação e relaciona-se com as primeiras cenas do filme: a história do filme começa a partir de uma carta em uma garrafa que atravessa o mar de Gaza, na carta a curiosidade de uma garota francesa que vive em Tel Aviv, “quem são os palestinos?” A falta de diálogo entre as duas civilizações já é desvelada no primeiro objeto simbólico tema do filme, “a garrafa”, numa sociedade em que a globalização e a tecnologia é cada vez mais presente, em Tel Aviv, um dos centros de pesquisa tecnológica mundial, mas o meio de comunicação encontrado

para estabelecer contato com a Palestina foi o mais antigo, uma garrafa<sup>1</sup>. A garrafa entra como ponto de partida sobre a romantização na narrativa para sensibilizar, num contexto entre guerras e conflitos é um significante que subverte a imaginação do espectador, outro agente significativo para estabelecer o contraste das duas regiões em conflito, é a aproximação de duas pessoas distantes em costumes e crenças, com a ajuda da carta encontrada na garrafa o casal Tal Levine (francesa judia, do lado israelense) e Naïm (palestino, muçulmano) começam um diálogo na internet, trocam experiências sobre o drama dos conflitos de cada lado e o espectador passa a conhecer por meio destes diálogos outro lado da Palestina, uma abertura de um “outro mundo” proporcionado pela arte. Segundo Lefebvre (1969), as artes (coloca-se aqui cinema como arte que provoca inquietação) sugerem uma “desconstrução construtiva”, o mundo em constante mutação e as artes instigam e complementam estas mudanças.

Para Name (2007) nos filmes hollywoodianos, no cinema comercial, há um reforço aos estereótipos, as repetição de cenas distorcem fatos, que conduzem visões equivocadas sobre dada realidade social ou política, naturaliza etnocentrismos, sendo assim fica a depender do conteúdo fílmico, da intenção da arte, reforçar as relações de poder já naturalizadas ou rompê-las. Oliveira Júnior (1999) ajuda nesta análise quando aborda o cinema como aparelho de construção de novos sentidos, para o autor o cinema desvela comunidades esquecidas, grupos sociais ignorados pela política, pela sociedade, e abre novas memórias de identificação cultural, o cinema propõe uma viagem por paisagens inexploradas, aponta novos questionamentos acerca da vida, da construção de espaços, de pensamentos, deixando outros questionamentos para trás, sobre isto o autor diz:

Um filme nos propõe o momento da criação de um outro mundo, onde estão se organizando, como pela primeira vez, espaço, tempo e homens. (...) A cada filme produzido um mundo é fundado. (1999, pág. 154)

No filme *Uma garrafa no mar de Gaza* nota-se que as diferenças culturais e visões de mundo entre o lado palestino e israelense se chocam, a organização familiar e a língua, por exemplo, são abordadas como fatores de conflitos e discriminação, no lado palestino não se aceita falar o inglês, e quem ousa aprender a língua é vigiado e colocado como suspeito de troca de influências.

Naïm vai às aulas de francês, e se inscreve para um intercâmbio na França, na abordagem do filme a chance de Naïm ter uma vida normal é se refugiando em outro país, a ausência de políticas públicas e ajuda humanitária (inclui-se aqui uma crítica do filme em relação à ONU), faz

---

<sup>1</sup> O primeiro registro que se tem de uma garrafa jogada ao mar como forma de comunicação é pelo filósofo Theophrastus, 310 a.c. A garrafa era um teste para provar que as águas do Mediterrâneo era a formação de fluxo do Atlântico.

do local um campo de sobreviventes, os conflitos impedem a sequência de desenvolvimento mínimo e um cotidiano de paz. Enquanto Tal estuda, vai às festas, e questiona um ataque terrorista em um café de Tel Aviv, Naïm tenta estudar e conseguir uma vida digna em meio à guerra, em sua casa, refugiados se escondem para fugir dos ataques israelenses e entre cenas e diálogos o pedido dos palestinos para o reconhecimento da Palestina como um Estado: Naïm em mensagem, “Mas seu povo tem um Estado, nós não. Aí está a diferença. Nós sonhamos com as fronteiras abertas, um aeroporto, uma seleção de futebol, uma vida normal sem medo...”, Tal Levine: “Uma vida normal? Isso eu posso entender, também sonho com ela, porque não é normal ter medo sentada num café, num ônibus...”.

A imagem da Faixa de Gaza no ponto de vista ocidental é distante e permeada de preconceitos, a visão sobre a religião do povo e as notícias que cobrem os conflitos, escondem um povo que apenas gostaria de uma vida comum, mas que são impedidos pelos conflitos, “nascemos no lugar em que a terra queima, em que jovens se sentem velhos muito cedo, onde é quase um milagre alguém morrer de morte natural”, fala de Naim em mensagem para Tal.

O drama dos personagens é reflexo do drama de povos distintos em conflito, a aproximação é gradativa e receosa, pois os personagens carregam consigo a geografia política que os fazem se confrontar, o fato de morarem em locais de confronto, os coloca em situação de inimizade.

A fronteira é representada como forma concreta na cena do muro que divide os dois Estados, Israel e Palestina e pelas crenças e costumes distintos, mostrando o choque das civilizações abordado por Huntington (1997).

Os conflitos que tinham ordem econômica e ideológica como principais motivos de guerras vistas na história, para Huntington (1997) os conflitos ocasionados por diferenças religiosas e culturais serão mais frequentes, estes aspectos também se encaixam na política mundial, pois as ações dos Estados não se separam das crenças e costumes do povo. E a mídia tem o papel preponderante nas questões políticas e visão de mundo na sociedade, as relações internacionais não escapam do debate da agenda pública nos meios de comunicação, fazendo uma análise com o filme, a estratégia para conseguir comunicação com o lado palestino foi uma garrafa jogada ao mar, o que se coloca como uma representação simbólica do distanciamento dessas nações, a distância e o não diálogo, reflexos nas pautas políticas e sociais no cenário internacional, mas também a formação da agenda de notícias no imaginário da sociedade, o esquecimento e a visão deturpada de um Estado com milhões de pessoas sem voz e que não compartilham dos ideais de guerra de grupos minoritários, refletem no cenário geopolítico e as civilizações “esquecidas” sofrem com a pouca

participação nas questões políticas e socioeconômicas, o que reproduz nas decisões da geopolítica mundial.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção deste artigo foi discutir acerca das nuances sobre a participação dos Estados no cenário geopolítico e a interferência da mídia jornalística no processo de consolidação e formação de poder em questões políticas, territoriais e culturais. Além da importância dos estudos realizados sobre as influências dos atores potências na geopolítica mundial, há outros aspectos a serem considerados dentro deste amplo jogo de poder. Um deles é o papel da mídia, que atua diretamente na agenda de assuntos da população e tem a participação na formação do imaginário social constituído a partir de um jogo simbólico para a manutenção do poder.

O filme *Uma garrafa no mar de Gaza* foi um instrumento de estudo para configurar o cenário de guerra entre Israel e a Palestina na Faixa de Gaza e os aspectos culturais e sociais da Palestina com a preocupação em ressaltar que as representações de poder são complexas e decorrem para além da política e economia, o estranhamento provocado pelas diferenças culturais provoca o “choque das civilizações”, teoria de Huntington (1997), estas diferenças culturais separam as civilizações, contudo, a visão ocidental em relação aos povos árabes também é um aspecto de separação, pois a abordagem etnocêntrica a partir da imprensa reflete no cenário político e social. A massificação do noticiário internacional sobre o terrorismo e o tratamento da informação sem aprofundamento histórico e/ou explicativo sobre os conflitos na Palestina, cria estereótipos e preconceitos que perpassam fronteiras e entram no campo político.

#### 4 REFERÊNCIAS

**ATAQUE a tiros por palestinos deixa quatro mortos em Tel Aviv.** 2016. UOL Notícias. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2016/06/08/tiroteio-em-tel-aviv.htm>>. Acesso em: 05 de set. 2016.

CAMARGO, Cláudio, **Guerras árabes-israelenses.** In MAGNOLI, Demetrio (org.) **História das Guerras**, São Paulo: Contexto, 2008. p. 425-452.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **Revista Nera**, v.8, n.6, Presidente Prudente, jan./jun. 2005, p.14-34. Disponível em:< <http://www2.fct.unesp.br/nera/revistas/06/Fernandes.pdf>>. Acesso em 12 set. 2016.

GRAMSCI, Antonio. **Obras escolhidas.** Tradução Manuel Cruz; revisão Nei da Rocha Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

GUEDES, João Victor; DIAS, Luciene; SOUSA, Rômulo. A Mídia Ocidental e os povos Árabes: uma relação de preconceito e generalizações. In: Congresso Internacional de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, 8., 2011. Cuiabá: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. p 1-15. Acesso em: 14 set. 2016.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

HUNTINGTON, Samuel. **O Choque das Civilizações** e a Recomposição da Nova Ordem Mundial. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

LEFEBVRE H. **Introdução à modernidade**. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1969.

MENARD, Wilmond. Message in a bottle, 1980. Turks and Caicos National Museum. Disponível em:<<https://www.tcmuseum.org/collections/message-in-a-bottle/>>. Acesso em: 24 set. 2016.

NAME, L. **Por Uma Geografia Pop: personagens geográficos e a contraposição de espaços no cinema**. Tese (Doutorado em Geografia). Rio de Janeiro - RJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008, 293 p.

OLIVEIRA JUNIOR, W. M. De. **Chuva de Cinema - Natureza e Cultura urbanas**. Tese (Doutorado em Educação). Campinas - SP: Universidade Estadual de Campinas - SP, 1999, 162 p.

STEINBERGER, Margarethe Born. **Discursos geopolíticos da mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina**, São Paulo: Fapesp/Cortez, 2005.



***Title***

Press and power: a geopolitical analysis of the film A Bottle in the Gaza Sea.

***Abstract***

This article analyzes the power relations between geopolitics and the Western press within the scene of war between Israel and Palestine in film comparative. The paper seeks to make explicit about the geopolitical game that undergoes media interference in conflict environments. As a study object was used the film A bottle in the Gaza Sea, the cinema as resistance in the deconstruction of ethnocentrism between states and their reflections within the global geopolitics. The press as being an agent of power in social relations and its action in the formation of public consensus, in the beliefs and values of a people and their interference within the political conjuncture. Other factors such as Huntington's "clash of civilizations" are also addressed in the article, in an attempt to scrutinize aspects inherent to geopolitics beyond the power of the international relations of the countries powers or even of the political strategies between the states.

***Keywords***

Cinema; Press and power; Israel vs. Palestine; Geopolitics.

---

Recebido em: 27/08/2017.

Aceito em: 07/11/2017.